

CANTO DA SERRA DOS ÓRGÃOS

Este canto não vem dentro da voz
Daquele filósofo chinês
Que, procurado pelo seu discípulo,
Deixou-o à espera, por muito tempo,
Ao pé de um grande pinheiro branco;
Pois andava pelos altos da montanha
Colhendo ervas medicinais.

Este canto também não chega até aqui
Na música e no *rasa*
Dos gathas de Zoroastro:
O que desceu da montanha
Depois que Deus morreu.
Nesta voz sou eu mesmo a Serra dos Órgãos
Que um canto unido e único vos provoca e proclama
Sou eu mesmo Serra dos Órgãos
Quem vos fala.

E as minhas palavras são tecidas de eloquência:
Hoje tão malsinada ciência
Pelos que estudaram tanto e tão sábios e cultos se fizeram
Que se esqueceram. . . ou se esquivaram
Ao contato do verbo iniciático.
Pois eu vos falo com eloquência, vos falo
Em voz, em flor, em verbo antigo.
– Uma vez que a eloquência é do tempo dos Deuses
E eu sou desse tempo –.

Este poema é o do homem visto de fora
Da sua falsa civilização,
Visto pela visão do elemento telúrico
Que o criou e o manteve,
Que o protege, sustenta e suplanta;
Elemento que veio dos abismos encobertos
Na música espectral do calor e da pressão.

Neste poema cantam os moinhos do tempo
Os moinhos que moem a carne e os ossos e
As pedras antigas.
Do tempo ocluso na transformação das coisas
Do tempo ausente nas modificações impossíveis
Do tempo macio e tenro que todos nós
Matéria, inerte ou viva, respiramos.

Os homens, eu os vejo daqui,
Do alto dos meus cumes e acumes
Dos meus declives e aclives
Do descambar das minhas encostas
Dos meus deslizos;

Coberta com meu arbóreo manto
Que possui roxos de quaresmeiras
Amarelos de cássias-aleluias
Branco de brancas flores de mipermitios.
Os homens, eu os vejo daqui.
Correndo nas planícies do chão e do ar
Em suas máquinas ingênuas;
Apressados, sôfregos, apressados. ¡Como apressados!
– Para onde vão com tanta pressa?, fico a pensar;
Dentro de mim mesmo ouço a voz de pedra
Do meu demônio:
– Não sabes? Ora! Vão. . . para o cemitério!

Aqui dessa floresta que me veste, das árvores
Ouço crescer o cerne, o alburno, o floema
Escuto fazer-se o seu verde poema.

O sumo, a seiva, a casca

Pressinto através dos largos e longes. . .

À noite vejo descerem Aldebaran, Betelgeuse. . .

Vejo surgir Antares, perto do Cruzeiro;

Às vezes me envolvo numa pele de chuva

Às vezes me abrigo numa capa de sol-posto.

Aqui com essa floresta que me veste

Eu, Serra dos Órgãos, vejo a meu lado, distante,

A Serra da Mantiqueira.

A meu lado, mais próxima, a Serra do Mar.

Eu, Serra dos Órgãos, envolta em linhas de desenho

Em cores de longínquo

Sou a platéia do drama dos homens:

Seres que conheço e conhecerei

Desde o seu ínfimo nascer,

Até a infinita sombra do seu fim

– Pois já era um mundo maduro

(Era uma tarde efêmera) –

Sendo rocha, sendo vida arqueana

Assisti, através das épocas, o evoluir

Das vidas sucessivas.

Não era ainda como sou agora;

Não tinha a aparência entreazulescente

De uma cordilheira,

Pois estava no fundo,

As abelhas montavam a sua indústria
Onde fabricavam o mel, a cera;
E nos silos de cera armazenavam o mel.
– Na economia dos prismas hexagonais
– Muito antes de Blaschke descobriam
 A Geometria dos Favos e das Colméias.

Quando os homens dormiam nas cavernas
 Amedrontados pelo rugir das feras
As térmitas erguiam seus altos edifícios
 Organizados de espaços celulares;
E as aranhas estendiam, entre
 Os beirais dos caminhos, suas teias:
Leves estruturas pênseis e transparentes;
Tudo no esforço inicial, interno, das coisas simples
 Sem amarguras, sem violências.

Quando os homens não tinham a mínima noção
 Das figurações do equilíbrio,
As plantas estendiam as suas folhas
Numa lógica perfeita de nervuras;
A palma, o limbo, a mão aberta
Onde recolhiam o toque das auroras
Que nelas elegia o ritmo das esculturas móveis e volúveis
Que sobre elas desenhavam
As belas formas abstratas
Que séculos e séculos depois
Os homens descobriram.
As árvores fizeram no chão
Ninhos de raízes penetrantes que ergueram
 Nos ares fustes retilíneos
 Perfeitas estipes-colunas
Que os gregos usaram muito depois
 Nos tempos dos seus deuses inocentes.

Os homens, uma vez, em Atenas
Descobriram a Idéia.
Depois disso nada mais revelaram;
Continuaram a sonhar com Torres de Babel
E a adorar Bezerros de Ouro.
E até hoje ignoram
Que não há diferenças
Entre o hexâmetro datílico
A frase popular de uma canção
Uma conjectura de Hilbert
A medida de Haar
Uma flor escarlate, um vestido de noiva
Um arco-parede de Maillard.

Não notaram que são
 Uma nuvem de vespas
Batendo nos vidros de uma lâmpada:
Luminária que aparece todos os dias
 Ao nascer do dia.

Apesar disso procuraram, imitando as aves,
 Conquistar um vô:
Apenas conseguiram a fuga da catástrofe,
Nunca o vô legítimo do pássaro
 Que com ele nasceu,
Que tem sempre consigo
A usá-lo ao primeiro instante,
Que continua – no seu pouso e repouso –
Guardado dentro das asas.
Procuraram, flutuando nas águas,
 A intimidade com a matéria fluida.
Apenas conseguiram a fuga do naufrágio
 – Flutuar vacilante e postiço –
Nunca a imanência que têm, dos meios fluentes,

Os peixes, na substância líquida
Navegando o seu dormir.

Da vida natural se desfazendo
Se tornarão bonecos, robôs, títeres, fantoches. . .
E muito antes que a Terra deles prescindia,
Que a Terra recuse as suas presenças,
Os homens estarão mortos suicidas;
Muito antes que a passagem de um cometa
Faça emigrar a atmosfera,
Que o sol se tornando em estrela-nova
Atinja a órbita terrestre;
Morrerão antes das térmitas,
Das aranhas, das formigas, das abelhas;
Morrerão antes das aves migradoras,
Antes dos peixes navegantes,
Antes das árvores, dos arbustos,
Das relvas, dos cogumelos e dos musgos;
Antes da pedra e seus minérios.
Morrerão antes de mim.

Para o meu fim virão tempestades magnéticas
Ventos solares agitando
Os cinturões de Allen.
Do fundo do mar o vendaval
De um eterno outono, que traria dos abismos
Um maremoto: o mar e a morte.
E dentro deste vendaval virá uma oculta ventania,
Ventania que desfolhará
Os últimos e abandonados livros dos homens,
O liber resseco das árvores;
Entre os estratos das rochas
Desfolhará os livros de mica,

E na última implantação da consciência terrestre
Desfolhará, desfolhando, o desfolhar:
– As seqüências espectrais,
As variedades enfolhadas.

Depois de mim o que restar não resta.
¿ Que restará depois de mim, modesta
Raiz das grandes cordilheiras:
Andes, Pirineus, Alpes, Himalaia?
– Restará preso, pousado no último chão
Um vento sombrio.

Rio, 1970